

UMA DISCUSSÃO SOBRE DISTOPIAS LITERÁRIAS: A INFLUÊNCIA DO SÉCULO XX NA CRIAÇÃO DO SUBGÊNERO

UMA DISCUSSÃO SOBRE DISTOPIAS LITERÁRIAS: A INFLUÊNCIA DO SÉCULO XX NA CRIAÇÃO DO SUBGÊNERO

Sergio Schargel¹

Resumo: Segundo as teses de Karl Polanyi, o século XIX foi marcado por uma relativa paz e prosperidade geopolítica inorgânica que acabou por explodir nas tensões do século XX. É neste contexto que surge e se dissemina a distopia como subgênero literário. Este trabalho se propõe a discutir a influência do contexto histórico e geopolítico na formação deste formato de uma literatura que se quer necessariamente política. Para isso, lançará mão como marco teórico do clássico de Karl Polanyi, *A grande transformação*, em diálogo com dois dos maiores nomes da literatura distópica, George Orwell e Aldous Huxley. Ainda que sem incorrer a biografismos, espera-se, assim, ressaltar a importância da violência do real sobre a criação da violência do literário, e a relação simbiótica entre política e literatura.

Palavras-chave: Distopia. Século XX. Aldous Huxley.

A DISCUSSION ON LITERARY DYSTOPIAS: THE INFLUENCE OF THE 20TH CENTURY ON THE CREATION OF THE SUBGENRE

Abstract: According to the theses of Karl Polanyi, the 19th century was marked by a relative peace and inorganic geopolitical prosperity that ended up exploding in the tensions of the 20th century. It is in this context that dystopia appears and spreads as a literary subgenre. This work aims to discuss the influence of the historical and geopolitical context in the formation of this format of a literature that is necessarily political. To do so, it will use Karl Polanyi's classic *The great transformation* as a theoretical framework, in dialogue with two of the greatest names in dystopian literature, George Orwell and Aldous Huxley. Although without resorting to biographisms, it is expected, thus, to emphasize the importance of the violence of the real over the creation of the violence of the literary, and the symbiotic relationship between politics and literature.

Keywords: Dystopia; XX century; Aldous Huxley.

¹ Doutorado em Letras (USP), e-mail sergioschargel_maia@hotmail.com

Introdução

“O grande irmão está observando você”. “Reivindico o direito de ser infeliz”. As duas frases que abrem essa introdução são respectivamente de George Orwell (2009, p. 12) e Aldous Huxley (1969, p. 294) e retiradas de seus dois maiores livros, 1984 e Admirável mundo novo. Ambos são contemporâneos, colegas, professor e aluno (KING, 2012), maiores expoentes da geração pessimista distópica. Este artigo abordará como o contexto do século XX influenciou a obra destes dois artistas (e de outros), criando um subgênero.

O objetivo deste trabalho é analisar o advento dos romances distópicos no início do século XX e como o contexto histórico e cultural influenciou esta corrente literária, traçando um panorama das principais características deste tipo de literatura e de como ela foi moldada pela série de crises ocorridas na primeira metade do século passado. O início da sociedade de controle coincide no contexto temporal com o início dos romances distópicos (COSTA, 2014, que influenciaram toda uma geração e foram por ela influenciados.

Ainda que não seja um tema inédito diversos trabalhos, acadêmicos ou não, foram criados girando em torno de distopias e sua presença na literatura é inegável sua importância à contemporaneidade que parece caminhar a cada dia que passa para uma distopia. O próprio Aldous Huxley ficou conhecido por voltar ao tema em ensaios e análises posteriores.

Huxley, Orwell e tantos outros previram futuros assustadores, em que o Estado reprimia qualquer forma de liberdade individual, fosse através de condicionamento e extrema felicidade, no caso da obra do primeiro, ou através da repressão e do medo, no que diz respeito das ideias de Orwell.

Assim, a proposta deste trabalho é trazer uma nova ótica para este tema já tão abordado, ao mostrar que o pessimismo típico dos literatos

desse período não foi fruto de mera coincidência e tiveram raízes na conturbada época em que viveram. A popularização da ideia de distopia, seja na literatura ou em quaisquer outras artes, tem origem em um século marcado por violência, ódio, guerras, crises e intolerâncias. Não é acaso que artistas imaginassem um futuro horrível quando o próprio presente em que estavam inseridos era conturbado. Como se manter otimista vivendo em um século com duas guerras mundiais, inúmeras guerras civis, crises econômicas, atentados e brutalidades, como ser feliz em uma época em que o que há de pior no ser humano vinha à tona?

O caos do século XX e os distópicos

O século XIX ficou conhecido por uma aparente estabilidade econômica, social e política, considerado pelo filósofo e historiador austro-húngaro Karl Polanyi (2000, p. 35) como o “século da paz”, o que levaria em um efeito bola de neve que geraria na criação dos romances distópicos. Polanyi defende em A grande transformação que poucas guerras ou conflitos aconteceram no período e, as que ocorreram, como a Guerra Franco-Prussiana, acabaram por ter rápida resolução e/ou envolveram um número limitado de países. Entretanto, a civilização naquele século foi marcada por uma prosperidade que acabaria por ser grande responsável pelo efeito avalanche de catástrofes, guerras e crises que atingiram o mundo no século XX. A Primeira e a Segunda Guerra Mundiais, a Grande Depressão, a Guerra Fria, todos esses eventos foram consequências diretas ou indiretas das tensões imperialistas e industriais geradas pelo equilíbrio de poder entre as potências do século anterior:

A civilização do século XIX ruiu. Este livro se preocupa com as origens política e econômica desse acontecimento, bem como com a grande transformação que daí decorreu. A civilização do século XIX se firmava em quatro instituições. A primeira era o sistema de equilíbrio de poder

que, durante um século, impediu a ocorrência de qualquer guerra prolongada e devastadora entre as Grandes Potências. A segunda era o padrão internacional do ouro que simbolizava uma organização única na economia mundial. A terceira era o mercado auto regulável, que produziu um bem-estar material sem precedentes. A quarta era o estado liberal. Classificadas de certo modo, duas dessas instituições eram econômicas, duas, políticas[...]Entre si elas determinavam os contornos característicos da história de nossa civilização (POLANYI, 2000, p.17).

A Primeira Guerra Mundial veio, assim, a interromper quase um século de relativa paz, progresso e estabilidade, embora fosse uma questão de tempo até ocorrer, levando em conta as pretensões imperialistas das metrópoles europeias e a situação política de alguns países recém-unificados como a Alemanha e a Itália. Karl Polanyi defende que a Primeira Guerra e as crises vindouras após a ela, serviram para escancarar a decadência dos modelos políticos criados no século anterior, destinados a um colapso inevitável (POLANYI, 2000, p. 37).

O posicionamento de Polanyi (2000, p. 35-36, 46) é claro: para ele, a civilização do século XIX se baseava em quatro instituições que permitiram equilíbrio durante cerca de cem anos, mas que acabaram por levar ao seu colapso no século seguinte. Para começar, havia um sistema de equilíbrio de poder entre as grandes potências europeias e imperialistas, o que afastou uma possibilidade de uma guerra prolongada e devastadora entre elas (uma das guerras mais importantes desse período, por exemplo, a Guerra Franco-Prussiana, durou apenas um ano), mas que ao mesmo tempo não sustentava a paz, visto que a economia mundial não se encontrava “pronta” para tal equilíbrio. Outro fator crucial para esta crise foi o padrão internacional do ouro, que significava uma organização única da economia mundial e cuja queda foi uma das maiores responsáveis pelo declínio dessas civilizações. Além dessas duas, existem outras duas instituições que também foram di-

retamente responsáveis: o mercado auto regulável e o Estado liberal, talvez de todas a mais responsável, já que o mercado liberal foi a inovação que deu origem a este tipo de civilização. Segundo Polanyi (2000, p. 17), “A chave para o sistema institucional do século XIX está nas leis que governam a economia de mercado”.

A crise da civilização do século XIX foi, acima de tudo, a crise do sistema de Estado liberal por si só. Ao final do século XIX e o início do XX as tensões foram sendo alimentadas, não só entre as potências imperialistas (o que culminaria na Primeira Guerra Mundial), mas também entre as próprias classes sociais principalmente através de movimentos como o socialismo que, outrora meramente utópico, ganhava força progressivamente e começava a tomar ares de possível realidade em alguns países principalmente depois da criação da Comuna de Paris em 1871, o primeiro governo operário da história. A estabilidade liberal e as instituições daquele período começavam a ruir não apenas no plano internacional, mas também internamente

As tensões que emanavam do mercado corriam assim para e contra o mercado e as outras zonas institucionais principais, afetando algumas vezes o funcionamento da área de governo, outras vezes a do padrão-ouro ou do sistema de equilíbrio-de-poder, conforme o caso. Cada área era comparativamente independente das outras e procurava um equilíbrio próprio; quando esse equilíbrio não era alcançado, o desequilíbrio se difundia sobre as outras esferas. Foi a relativa autonomia das esferas que o acúmulo de tensões e gerou pressões que eventualmente explodiram, sob as formas mais ou menos estereotipadas. Enquanto na imaginação o século XIX se ocupava em construir a utopia liberal, na realidade ela estava transferindo as coisas para um número definido de instituições concretas, cujos mecanismos dominavam a época. (POLANYI, 2000, p. 248).

E é justamente neste contexto de estabilidade e de crescimento econômico e científico do século XIX que surge a ficção científica. Este gênero lida e desenvolve temas ligados a ciên-

cia e seu impacto no mundo. Normalmente de temática futurista e marcada pela criatividade e pela imaginação, teve, entre seus pioneiros, o escritor francês Júlio Verne, conhecido por obras que previam inovações científicas antes de elas sequer serem cogitadas (CEIA, 2011). O desenvolvimento da ciência no século XIX dá um enorme gás a este tipo de literatura, que logo se populariza, ramificando em alguns subgêneros, como é o caso dos romances distópicos.

A popular obra *Frankenstein ou o moderno Prometeu* de Mary Shelley é normalmente considerada como pioneira dos romances científicos (uma espécie de subgênero de primórdios da ficção científica que levaria a criação do gênero maior posteriormente). Outro pioneiro dos romances científicos (ou da própria ficção científica, dependendo da visão de cada autor, já que isto até hoje é bastante debatido e discutido) foi o escritor inglês H.G. Wells. Todos esses autores citados produzem uma relação especial com a ciência, sendo esta peça crucial do enredo (a história não aconteceria sem essas ideias científicas) (CEIA 2011).

Existe um grande debate sobre quando se daria de fato o início da ficção científica. Alguns autores e acadêmicos, como o escritor inglês Brian Aldiss (1995, p. 78) defendem que *Frankenstein* seria, na realidade, o primeiro romance deste gênero. Carlos Ceia (2011), porém, discorda. Para o pesquisador, essa obra e outras similares e criadas em um período próximo ainda não constituem, de fato, no estilo maior, embora partilhem temas e ideologias parecidas.

Assim como o progresso científico no século XIX acabou por servir de pano de fundo para a criação do estilo de ficção científica, o caos no século XX acabou por, inevitavelmente, também influenciar as artes. Diversas formas de expressão surgiram e foram criadas como forma de superar ou criticar as crises, as guerras e, principalmente, os movimentos autoritários que pipocavam na Europa. Nas artes plásticas, por exemplo, tem-se o movimento Cubista e Surrealista, com obras como *Guernica*, de Pablo

Picasso (uma crítica direta a Guerra Civil Espanhola e ao governo fascista de Franco) (JONES, 2014), enquanto o cinema, por sua vez, floresce em países como Alemanha e Itália. Na literatura, o “caos” que se viveu no século XX influenciou diversos movimentos e submovimentos, entre eles os romances distópicos, uma vertente da ficção científica (ATKINSON, 2007).

É notável que os literatos mais influenciados pelo contexto histórico são justamente os distópicos, os pessimistas que viam os rumos que a humanidade estava tomando e imaginavam apenas um futuro ainda pior.

A desilusão na literatura

Apesar de inserido em ficção científica, os romances distópicos tem uma lógica própria, com idiossincrasias perceptíveis. Possuem as temáticas futuristas e desenvolvimentistas, tão marcantes desse gênero ligado à ciência, porém encaram essas ideias de uma forma bem mais pessimista e fatalista do que as demais obras de ficção científica (e de seus outros subgêneros). Isso tudo, em grande parte, graças à desilusão de seus principais escritores para com o mundo e a humanidade, causado pelos grandes conflitos ocorridos no século XX. O avanço da ciência criou um novo gênero diferente de tudo que se encontrava na literatura antes disso, ao mesmo tempo em que permitiu uma destruição em massa nunca antes vista. O distópico é, antes de tudo, um pessimista.

Os romances distópicos possuem uma série de estilos exclusivos e semelhantes entre si, em geral frutos das desilusões de seus autores com guerras, crises ou com a própria sociedade moderna em si. Dois dos maiores expoentes dessa corrente literária são os ingleses Aldous Huxley e George Orwell, respectivamente mestre e aluno. Não que Orwell tenha sido discípulo de Huxley, até porque suas opiniões divergem entre si (principalmente no que tange em de qual forma se caracterizaria os pilares das sociedades futuras), mas literalmente Huxley deu aulas de

francês para ele na Eton University (KING, 2012).

Este subgênero é caracterizado por uma visão depressiva e desiludida do mundo, da sociedade e do ser humano. Etimologicamente falando, a palavra distopia significa justamente o contrário de utopia, já que utopia vem da junção dos radicais gregos “não” e “lugar” e significa lugar idealizado ou inexistente em tradução livre, enquanto distopia significa um lugar ruim, o oposto, portanto. O termo foi usado pela primeira vez em um discurso ao Parlamento Britânico proferido pelo cientista político John Stuart Mill em que Mill acusava o parlamento de ser o oposto de utópico, cunhando o termo distópico para criticá-los (FEHR et al., 2005, p. 230).

É importante citar também a existência do livro que cunhou o termo utopia. Se foi Stuart Mill quem a usou pela primeira vez com um sentido oposto, o termo original em si surgiu no livro de Thomas More em 1516 e batizado de Sobre o melhor Estado de uma república que existe na nova ilha Utopia ou simplesmente de Utopia, em um título abreviado e traduzido do latim. O autor narra a existência de uma sociedade perfeita na ilha de utopia, um lugar que ironicamente para ele só pode ser perfeito justamente porque não existe, por isso o neologismo empregado com a junção de duas palavras gregas. Assim, em sua obra, a república perfeita só o é porque paradoxalmente também é fictícia, impossível de existir. Utopia divide-se em dois livros, o primeiro funcionando como uma crítica da Inglaterra da época e o segundo contando justamente o oposto, as descrições da viagem do personagem Raphael Hythlodæus pela ilha plena de Utopia, onde não há intolerância e onde a liberdade predomina.

Para o doutor em Letras pela USP Teixeira Coelho, autor da obra O que é utopia publicado na década de 1980 pela Editora Brasiliense, o livro de More é uma consequência da época em que vivia, uma forma que ele encontrou de criticar a sociedade inglesa do século XVI sem

enfrentar consequências severas por isso:

Se Thomas More escolheu a fabricação dessa palavra foi porque a Inglaterra de seu tempo era um lugar onde não apenas inexistia a liberdade de expressão como também a de pensamento - e as ideias e comentários de More eram tão “subversivos”, mesmo sendo ele um homem do poder, que, para evitar maiores dissabores, ele acabou situando sua imaginação de uma vida segundo ele melhor num lugar que não existia, no nada: em Utopia. Assim, não mexeria com os interesses de nenhum grupo no poder, nem os dos ingleses, nem de quaisquer outros. (COELHO, p.18).

Já a popularização e o advento dos romances distópicos também coincide, ao analisar as ideias do filósofo e professor brasileiro Rogério da Costa, com a ascensão da sociedade de controle. E não é uma simples coincidência. Se para o autor as sociedades disciplinares se situariam no período que vai desde o século XVIII até a Segunda Guerra, as sociedades de controle se iniciariam logo após, ou na segunda metade do século XX para ser mais preciso (COSTA, 2004). E as obras distópicas debatem e analisam este tipo de sociedade quase sempre, com raras exceções. As sociedades de controle são marcadas pela interpenetração de espaços, com limites não definidos e pela massificação/uniformização do ser humano, e essas características são vistas em diversas obras da época de uma forma um pouco mais exagerada do que já se via na própria realidade (COSTA, 2004).

Para o filósofo Gilles Deleuze as sociedades de controle tiveram início logo após o fim da Segunda Guerra (COSTA, 2004). Antes disso existiria a chamada sociedade disciplinar (caracterizada por uma forma metódica e repetitiva de trabalho, com limites bem estabelecidos e espaços moldados), que entraria em declínio justamente com os enormes problemas que o século XX trouxe consigo. Com a destruição causada pela Segunda Guerra e as novas tecnologias criadas por ela, inicia-se uma descentralização do meio de trabalho, uma globalização extrema-

mente acelerada em uma, de acordo com Rogério da Costa citando Deleuze “espécie de modulação constante e universal que atravessaria e regularia as malhas do tecido social” (COSTA, 2004). Surgem assim, então, as sociedades de controle que já se avizinhavam antes da guerra e que seriam frequentemente retratadas nas ideias da distopia literária.

Praticamente toda distopia trata de uma sociedade de controle. É o meio no qual o futuro “imperfeito” se desenvolve. Elas foram imaginadas pelos artistas do período antes mesmo de se tornarem uma realidade, antes do fim da Segunda Guerra, quando as guerras e crises econômicas retratavam um quase inevitável destino de submissão ao Estado.

Talvez Fahrenheit 451 seja o mais próximo da obra de Huxley e Orwell, quase um amalgama desses dois livros. De modo geral o mundo retratado é mais semelhante ao de Admirável mundo novo, sendo a felicidade a base do controle estatal e qualquer pensamento livre ou forma de cultura terminantemente proibida. Isso se exemplifica sob a forma dos livros que são queimados, uma alegoria para a repressão do fluxo de ideias abertas e o perigo que elas representam para a estabilidade do sistema descrito no livro. Porém o texto de Bradbury também se assemelha com 1984 principalmente no que tange a importância de televisões ligadas vinte e quatro horas por dia para ajudar a manter o controle sob as pessoas, sem falar na perspectiva de uma guerra que se avizinha constantemente durante todo o texto (até finalmente ocorrer no final) e uma crítica direta à manipulação e ao poder da propaganda sobre as pessoas. Como Manuel da Costa Pinto aborda no prefácio do livro:

Num século anti-humanista [...] Enquanto Huxley e Orwell escreveram seus livros sob o impacto dos regimes totalitários (nazismo e stalinismo), Bradbury percebe o nascimento de uma forma mais sutil de totalitarismo: a indústria cultural, a sociedade de consumo e seu corolário ético – a moral do senso comum (BRADBURY, p.15-17).

Huxley e Orwell

Nascido na Inglaterra em 1894 em uma abastada família de intelectuais, Aldous Huxley foi um dos pioneiros na literatura distópica. Em Admirável mundo novo, Huxley descreveu uma sociedade de controle marcada pela alienação, onde as pessoas eram divididas em castas de acordo com a sua capacidade intelectual definida antes do nascimento, através de manipulação genética, de modo a ficar mais suscetíveis àquele tipo de civilização. A sociedade de controle conseguia se manter graças a uniformização dos indivíduos, praticamente abolindo qualquer identidade e individualidade.

Admirável mundo novo, publicado em 1932, acabou por receber críticas mistas em seu lançamento. O próprio autor revisitaria a obra e a criticaria algumas vezes posteriormente, já que dizia que havia sido muito otimista e que algumas das situações descritas já estavam se tornando realidade bem antes do que havia imaginado inicialmente. Ainda assim ele afirmava que não desejava reescrever o livro, pois se o fizesse, mesmo que fosse para consertar alguns possíveis erros, também acabaria tirando alguns dos méritos da obra de arte (HUXLEY, 2012, p. 13).

No universo criado por Huxley, as crianças são condicionadas desde o nascimento a ignorarem tudo o que possa levar a um pensamento crítico e pertencem desde bebês a uma determinada casta (Alfa, Beta, Gama, Delta ou Ípsilon), não podendo nunca sair dela. Mais próximo de nossa realidade do que a obra de Orwell, como o próprio Huxley defendeu em uma carta ao seu colega (KING, 2012), a obra traça uma alegoria sobre a divisão de classes e preconceito social, onde o sexo é incentivado pelo Estado e nunca para a procriação, já que bebês são criados artificialmente e as drogas o Estado distribui a droga Soma para os cidadãos em uma ração diária, que ajuda a acabar com qualquer pensamento crítico que um indivíduo possa ter – são usados como forma de controle em uma espécie de Panem et Circenses futurista. Ou seja, um

controle social pelo hedonismo, pelo excesso de prazer.

“Um Estado totalitário realmente eficaz seria aquele em que o executivo todo-poderoso [...] controlasse uma população de escravos que não precisassem ser forçados, porque teriam amor à servidão” (HUXLEY, 2000, p. 16). A frase no prefácio de uma das edições de Admirável mundo novo serve justamente como exemplo para as diferenças nas ideias entre Huxley e Orwell, quanto a como seria a formação de um governo totalitário e a base dos Estados descritos em suas respectivas obras. Para o autor, a sociedade de controle de seu livro é aquela que seria realmente eficiente, a que controla não através do medo e da violência repressiva, como é o caso de 1984, mas através da felicidade.

O livro faz referências o tempo todo a Shakespeare, começando por seu próprio título, derivado de *A tempestade* e, mais precisamente, do fragmento que o personagem Ariel profere: “Oh Wonder / How many goodly creatures are there here/How beautiful mankind is/ Oh brave new world / That has such good people in it”. Além disso, um dos protagonistas, John, o Selvagem é um intelectual que viveu a vida toda fora da sociedade civilizada, devorando clássicos literários. John é, inclusive, o responsável direto por personificar as críticas que Huxley faz aos regimes totalitários e à indústria cultural. No início John fica maravilhado com o mundo novo que encontra, inclusive citando os versos de *A tempestade* que dão nome ao livro mais de uma vez, mas a desilusão não demora a vir e o asco inevitavelmente chega. Visto como um bicho curioso e diferente pelas demais pessoas, tenta, sem sucesso, isolar-se novamente, até perceber que a única saída daquele mundo de controle pela felicidade é o suicídio. Assim, matando o seu personagem, Huxley ataca ferrenhamente o mundo moderno mostrando a morte de uma espécie de o “último homem”, isto é, de um apátrida que não pertencia a lugar nenhum por ser o único livre de fato.

Mas essas não são as únicas referências às sociedades modernas no livro. O empresário Henry Ford, por exemplo, é tomado como uma figura messiânica no regime, adorado por toda a população. Expressões populares como “Nosso Senhor” (do original em inglês “Our Lord”) são substituídas por “Nosso Ford” (“Our Ford”). Huxley com isso faz uma alegoria comparando a figura de Ford, responsável pela criação da Linha de Montagem em fábricas (uma forma de produção massiva, com a separação entre trabalho manual e intelectual, e caracterizado pela mecanização e padronização da produção) com uma sociedade controladora, mecânica e padronizada, aonde todos são condicionados a uma determinada classe social desde o nascimento e onde as classes mais baixas ficam responsáveis pelo trabalho manual enquanto as mais altas (Beta e Alfa) se responsabilizam pelo trabalho intelectual.

A decepção de Huxley para com o mundo só viria a aumentar, pois, tendo vivido ainda por um tempo considerável após o lançamento de seu livro (ao contrário de Orwell, que morreu pouco depois de ter lançado sua obra prima), acabou por revisitá-lo algumas vezes antes de morrer. A mais famosa dessas revisões, foi na obra *Retorno ao admirável mundo novo*, lançada em 1958 (cinco anos antes da morte do autor, em 1963), na qual ele se mostra ainda mais pessimista do que no livro original, graças aos eventos que ocorreram após o lançamento do anterior, como a Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, entre outros acontecimentos menores. O autor alerta nesta segunda obra a necessidade do ser humano acordar para a nova realidade que vinha construindo, antes que fosse tarde demais.

Huxley considerava como dois dos maiores perigos à humanidade, além de uma suposta guerra atômica, a superpopulação e a uniformização (ou superorganização). Logo na abertura de *Retorno ao admirável mundo novo*, ele já afirma sua decepção com o mundo e com as desgraças do século XX e como tinha sido ingê-

nuo em acreditar que a sociedade distópica que imaginou em Admirável mundo novo só poderia ocorrer em um futuro distante:

Em 1931, quando o Admirável Mundo Novo estava para ser escrito, achava-me convencido de que restava ainda muito tempo. A sociedade completamente organizada, o sistema científico das castas, a abolição da vontade livre através de um condicionamento comedido, a servidão que se tornara aceitável através de doses regulares de felicidade artificialmente transmitidas [...] – estas coisas aproximavam-se tais eu dizia, mas não chegariam no meu tempo, nem mesmo no tempo dos meus netos [...] Nós que vivíamos no século XX D.C. éramos os habitantes de um universo na realidade horrível (HUXLEY, 2000, p.15).

É importante ressaltar também uma característica peculiar de Admirável mundo novo: a existência de mais de um protagonista (ou a ausência de um personagem principal, dependendo da forma como o leitor enxerga a narrativa). Ao menos um que se mantenha durante toda a história. O primeiro terço do livro serve para estabelecer as características daquela peculiar sociedade, como uma espécie de alongada introdução descritiva e então, em dado momento, o leitor é introduzido a Bernard Marx, um personagem influente naquele mundo ficcional (um Alfa-Mais) que funciona como um protagonista até a segunda parte da obra, quando Lenina visita uma reserva e conhecer John, o Selvagem. Depois disso, John assume o protagonismo e Bernard é relevado a uma espécie de segundo plano.

Curiosamente, ambos os personagens principais possuem características semelhantes, principalmente uma espécie de desilusão com a sociedade supostamente utópica em que vivem (Bernard, por exemplo, apesar de ser um Alfa-Mais possui sentimentos que o humanizam e que não são bem vistos, tais como raiva, rancor, amor, inveja e principalmente ciúmes). Uma das passagens mais interessantes do livro ocorre justamente em um encontro de Bernard,

John e o administrador mundial Mustafa Mond (responsável por narrar a introdução antes de o leitor ser apresentado a Bernard). Ao contrário dos outros personagens, que ou se encontram totalmente imersos em um meio alienante ou procuram se libertar (como é o caso dos dois protagonistas), Mond tem plena ciência da sociedade de controle que ajuda a administrar. Ele possui todo um conhecimento artístico e cultural, mas não se importa com a censura de ideias e com o Estado totalitário. Na realidade, para Mond, o objetivo final da humanidade deveria ser sempre a felicidade e a existência de livros, cultura e livre-pensamento apenas põe em perigo a busca por esse fim. A inteligência ameaça a estabilidade. A sociedade de controle em Admirável mundo novo é mantida através da harmonia e estabilidade, em oposição a 1984 onde o medo e a violência é que exercem essa função.

Sendo o Administrador Mundial e o criador das leis, Mond tem pleno poder para transgredi-las e, portanto mantém uma biblioteca com diversos produtos culturais. Ele condiciona o povo pela felicidade, a ignorância é uma bênção, a felicidade é a chave para uma sociedade estável e facilmente controlada, como ele afirma:

Não se pode fazer calhambeques sem aço – e não se pode fazer tragédias sem instabilidade social. Agora o mundo é estável. O povo é feliz; todos têm o que desejam e nunca querem o que não podem ter. Sentem-se bem; estão em segurança; nunca ficam doentes; não têm medo da morte; vivem na perene ignorância da paixão e da velhice; não se afligem com pais e mãe; não têm esposas, filhos nem amantes a que se apeguem com emoções violentas; são condicionados de modo a não poderem deixar de se comportarem como devem. E se alguma coisa não estiver bem, há o soma. Que você atira pela janela em nome da liberdade, Sr. Selvagem. Liberdade! Riu. Espera que os Deltas saibam o que é liberdade! E quer também que compreendam Otelo! (HUXLEY, 2012, p.272).

O Administrador Mundial tem muitas semelhanças com John, o Selvagem. Ambos são letrados, eruditos, cultos, com conhecimento de obras marcantes da literatura e em especial de Shakespeare, o qual John cita constantemente. Huxley faz uma oposição assim aos dois únicos homens livres de fato do livro, o Selvagem (e que justamente por essa liberdade é bombardeado por sentimentos como tristeza e raiva, que não acometem os cidadãos condicionados da sociedade supostamente perfeita), e aquele que, apesar de ser livre, é um dos responsáveis por “aprisionar” a sociedade em uma redoma protetora de estabilidade e felicidade.

Em determinado momento do livro *Mond* descreve ainda a tentativa de criação de uma sociedade apenas de Alfa-Mais no Chipre, que colapsou justamente pelo nível intelectual dos habitantes, já que estes estavam sempre ambiciosamente almejando cargos sociais mais altos e acabaram por gerar uma guerra civil que dizimou o país. Ele justifica que a existência de pessoas pré-determinadas, condicionadas a um nível menor de inteligência desde o nascimento, no caso os Ípsilons e Gamas, é essencial para que os alicerces da paz e da prosperidade sejam mantidos. Traçando mais um paralelo com 1984, os dois livros têm em comum tratarem a disseminação estatal das ideias de que liberdade é a verdadeira escravidão, que o liberto nunca poderá ser feliz de fato e será contaminado por sentimentos tóxicos como tristeza e raiva. Ambas as sociedades de controle tratam a ideia como um perigo, a inteligência como uma ameaça e a cultura como um câncer.

Existe ainda a Soma, uma droga ficcional descrita no livro que auxilia para que o Estado mantenha o controle. É uma droga que ajuda a aumentar a felicidade do usuário, ajudando-o a relaxar e sendo distribuída em rações para todos os habitantes. Como o próprio *Mond* diz: “E se alguma coisa não estiver bem, há o soma” (HUXLEY, 2012, p. 272). Por ser uma droga sem grandes efeitos colaterais negativos, seu uso era amplamente incentivado e inclusive caso um trabalhador (principalmente de castas mais bai-

xas) começasse a se sentir inquieto ou infeliz, o Estado recomendava que se consumisse a droga. O trabalhador assim se mantinha produtivo, feliz, estável e o Estado evitavam problemas como rebeldias e insurreições.

Porém, mesmo com todo esse pessimismo, Huxley ainda era menos radical do que o seu outrora aluno de francês, o anglo-indiano George Orwell. Se o futuro distópico e a sociedade de controle imaginados pelo autor inglês eram baseados na uniformização, na superpopulação e na superorganização, para o seu antigo aluno as coisas eram mais violentas e o Estado totalitário imaginado por ele, se baseava mais na violência, uma violência física que praticamente inexistia na obra de Huxley, que por sua vez usa muito mais de uma violência psicológica.

Apesar do nome de George Orwell ter se tornado bastante popular, na realidade este escritor e jornalista inglês se chamava Eric Arthur Blair. Seus dois livros mais populares, *A revolução dos bichos* e *1984*, ambas obras distópicas, venderam quase cinquenta milhões de cópias e foram traduzidas para mais de sessenta e duas línguas (RODDEN, 2007, p. xi).

Blair se mostrou ainda mais pessimista do que seu professor acerca do futuro da humanidade e retratou em *1984* uma sociedade de controle que se mantinha não através da uniformidade, como no caso de *Admirável mundo novo*, mas através da pura violência e repressão autoritária. Em *1984*, uma espécie de televisão impossível de ser desligada e instalada na casa de cada pessoa, permite que elas sejam controladas e viajadas por todo o dia.

Logo no início do livro, Orwell (2010, p. 13) já descreve de forma a sociedade de controle, exercida não apenas pela violência e repressão, mas também pela figura do Grande Irmão (que depois inspiraria inclusive o programa de televisão *Big Brother*, reality show famoso em todo o mundo) que a tudo e todos vigia pela teletela, a televisão que não pode ser desligada e que mostra o que acontece na casa das pessoas:

A teletela recebia e transmitia simultaneamente. Todo som produzido por Winston que ultrapassasse o nível de um sussurro muito discreto seria captado por ela; mais: enquanto Winston permanecesse no campo de visão enquadrado pela placa de metal, além de ouvido poderia ser visto. Claro, não havia como saber se você estava sendo observado num momento específico [...] Era possível inclusive que ela controlasse todo mundo o tempo todo. Fosse como fosse, uma coisa era certa: tinha meios de conectar-se a seu aparelho sempre que quisesse. Você era obrigado a viver – e vivia, em decorrência do hábito transformado em instinto – acreditando que todo som que fizesse seria ouvido [...]”. A teletela e o Grande Irmão são os símbolos de um Estado que esmaga qualquer individualidade, qualquer pensamento livre. (ORWELL, 2010, p.13).

O mundo de 1984 se passa em um suposto futuro pós-apocalíptico em que o mundo se dividiu em três grandes blocos continentais, a Oceânia (continente que abrange a Inglaterra e onde o livro se passa), a Eurásia (composta, como o nome deixa claro, por toda a Europa com exceção do Reino Unido e pela Rússia) e a Lestásia (formada por alguns países da Ásia como o Japão e a China). Existe também um enorme território em disputa constante entre os três blocos, composto em sua maioria pelo norte da África e pelo Oriente Médio.

O Estado na obra de Orwell está sempre em guerra, porém o adversário varia. A guerra tem uma função de manter a sociedade de controle, torna mais fácil condicionar as pessoas pelo ódio. Todo o dia ocorre um momento do ódio, em que as pessoas se juntam, juram lealdade ao Estado, xingam os outros países (Lestásia ou Eurásia, dependendo do momento) e todos aqueles que ameaçam a paz e a prosperidade. Nota-se, por exemplo, que na primeira parte do livro o inimigo é um e após determinado momento o Ministério da Verdade reescreve a história para fazer com que o inimigo seja outro, sempre em mutação. A população passa a odiar e a ter seu momento de ofensas direcionadas a outro país, então, sem sequer perceber. Orwell

deixa claro que as três supernações estão sempre em guerra, mas constantemente mudando seus adversários. Por serem superpoderosas elas não podem se destruir, o que resulta em uma infinita mudança de inimigo e traições. É normal no livro que uma nação traia a outra, por exemplo, se aliando com o inimigo anterior, tréguas e tratados são feitos a cada momento, o importante é estar em guerra e não com quem se está em guerra. Mais do que manipuladas apenas pelo medo da repressão, as pessoas se tornam também manipuladas pelo ódio, pela raiva cega que é ilusoriamente direcionada.

Essa raiva cega também se faz presente com a figura de Emmanuel Goldstein. Goldstein era um personagem que servia como oposição para a figura do Grande Irmão. O livro não deixa claro se os dois personagens sequer são reais, mas isso não importa, já que a importância de ambos reside na forma de controle que eles exercem. Goldstein seria a suposta resistência, um membro do partido que teria se revoltado contra ele e criado um movimento, através de um livro que supostamente escreveu. Ele acaba sendo usado como forma de direcionar o ódio da população, que ataca cegamente aquela forma que pode sequer ser real. Ele funciona como uma necessidade psicológica para que o totalitarismo funcione, é necessário que haja uma oposição para isso, mesmo que essa oposição possa ser apenas ilusória.

Além disso, a sociedade supercontroladora impede qualquer forma de sexo sem fins de procriação. Em meio a este futuro caótico, um homem insignificante chamado Winston Smith manifesta uma tímida tentativa de rebelião contra o sistema, apenas para ser esmagado e ter a sua vontade própria e livre arbítrio completamente destroçados. É necessário também analisar a importância que o slogan do partido “Guerra é paz, liberdade é escravidão, ignorância é força”. Esse slogan sustenta toda a base de controle que o livro retrata durante suas quase 400 páginas, como por exemplo, a guerra sendo essencial para direcionar o ódio da população e

a falta de liberdade e a ignorância como pilares de uma sociedade estável (traçando um paralelo no quesito da falta de liberdade, Orwell se aproxima de Huxley ao mostrar como a base da sociedade de controle é a falta de liberdade e de conhecimento ou cultura). Ou seja, a verdadeira paz, estabilidade e felicidade só são adquiridas através de um controle estatal que se mantém pela guerra, “escravidão” e ignorância. Liberdade e livre pensamento são perigosos, cânceres para a autoridade estatal, como o personagem O’Brien, um dos antagonistas principais durante uma sessão de tortura à Winston, deixa claro:

O Partido não se interessa pelo ato em si: é só o pensamento que nos preocupa. Não nos limitamos a destruir nossos inimigos; nós os transformamos. Entende o que estou querendo dizer? [...] Mais tarde, no século XX, vieram os totalitários, como eram chamados. Os nazistas alemães e os comunistas russos. A perseguição que os russos faziam às heresias era ainda mais cruel que a da inquisição. Eles imaginavam que tinham aprendido com os erros do passado; pelo menos sabiam que não podiam produzir mártires. Antes de expor as vítimas a julgamentos públicos, tratavam de destruir deliberadamente sua dignidade. Arrasavam-nas por meio de tortura e solidão, até transformá-las em criaturas lamentáveis, amedrontadas e desprezíveis, dispostas a confessar tudo o que lhes pusessem na boca, cobrindo-se a si próprias de injúrias, fazendo acusações e protegendo-se uma atrás das outras superando clemência [...] Todas as confissões proferidas aqui são verdadeiras. Fazemos com que sejam verdadeiras [...] Antes de eliminá-lo, fazemos com que se torne um de nós [...] Quando acabamos com eles, estavam reduzidos a uma casca. Não havia mais nada dentro deles, exceto o arrependimento pelo que tinham feito e o amor pelo Grande Irmão. Era tocante ver como o amavam. (ORWELL, 1984, p.297-299).

Conclusão

Os pensadores deterministas, incluindo Karl Marx, diziam que o “homem é um produto do meio em que vive” (VENTURA, 2015). Isto

é, o homem é influenciado pela cultura, pelo país e principalmente pelo século em que vive. Cada pessoa possui suas individualidades, mas sendo o ser humano uma criatura de natureza sociável, é inevitável que seja influenciado pelo coletivo. Se o homem é um produto do meio da mesma forma, traçando um paralelo, a cultura também o é e é por isso que a literatura distópica surgiu justamente em um século marcado pela destruição.

Era inevitável que uma conjunção de desgraças e situações complicadas não gerasse uma série de pessoas com características no mínimo pessimistas. É justamente isto o que acontece durante o século XX. O século XIX gerou certa estabilidade ilusória fruto do seu sistema econômico e social que acabaria por acarretar em uma inconstância enorme na primeira metade dos cem anos seguintes. As políticas imperialistas das grandes potências, embora tenham criado uma paz superficial durante um período de tempo, acabou por explodir em tensões inevitáveis que culminariam, logo no início do século XX, na Primeira Guerra Mundial.

Se no século XIX a paz ilusória gerada pelos modelos políticos da época trouxe uma estabilidade que permitiu um avanço enorme na ciência e na industrialização (apesar da Revolução Industrial ter começado no final do século anterior, foi no século XIX que ela tomou uma maior força e começou a se espalhar para o mundo todo), no século XX as crises e guerras serviram para gerar um número enorme de pessoas desiludidas com a vida e com a humanidade. Entusiasmado pelas inúmeras invenções que surgiam e com a Revolução Industrial, o homem criou o gênero da ficção científica e, desiludido com o mundo constantemente em colapso no século XX, o homem criou o subgênero dos romances distópicos, nos quais o pessimismo exacerbado e a desesperança com a humanidade são características primordiais.

Os romances distópicos, apesar de ser uma espécie de vertente da ficção científica, têm características próprias bastante exclusivas. As-

sim como gênero em que se incluem, também possuem características científicas, mas possuem um tema mais voltado para o futuro, uma análise do vindouro, do que ainda há de acontecer. E sempre marcada por uma negatividade e pessimismo, o futuro analisado nunca é pleno e justo, sempre apresenta forte controle ou atributos bastante indesejáveis como guerras, fome, doenças, entre outros. Esse pessimismo é natural ao se observar a época em que começaram a se tornar populares, no início do século XX, quando o mundo passava por catástrofes sucessivas e o ser humano escancarava o que existia de pior na humanidade. Ironicamente, essa grande destruição que o período trouxe só foi possível justamente graças ao avanço da ciência, a mesma que faria surgir a ficção científica no século anterior.

A vida imita a arte e nada mais natural de que a ideia distopia ter se tornado popular na arte (e em especial na literatura) em um século em que as sociedades de controle descritas por estudiosos como Rogério da Costa (2004) se tornaram bastante presentes em todo o mundo, com expoentes como a Alemanha nazista e a União Soviética socialista, que por sua vez se assemelham bastante as sociedades presentes nas maiores obras deste subgênero. O termo distopia foi criado pelo cientista político inglês Stuart Mill em um discurso contra o parlamento no século XVIII como uma forma de exemplificar o mundo para qual a humanidade estava caminhando (FEHR et al., 2005, p. 230), que seria o oposto da ideia de utopia criada por Thomas More, mas foi no século XX que as sociedades realmente começaram a se aproximar mais e mais da realidade distópica.

Assim, é no século XX que surgem autores marcados por ideias pessimistas, como os ingleses George Orwell, Anthony Burgess e Aldous Huxley, o americano Ray Bradbury, o russo Yevgueny Zamyatin, o brasileiro Ignácio de Loyola Brandão, todos esses escritores com famosas e influentes obras que exploram a ideia de um mundo futuro onde as coisas não deram certas e

a humanidade se encontra em ruínas e controlada pelo Estado de uma forma ou de outra.

Dois dos mais importantes ao subgênero da distopia foram Aldous Huxley e George Orwell. Suas ideias eram distintas e semelhantes ao mesmo tempo e apesar de ambos abordarem sociedades de controle futurísticas e uma humanidade completamente condicionada, o fizeram de formas diferentes. A sociedade de controle de Huxley se baseia na felicidade e na estabilidade, o homem é condicionado desde o nascimento a uma série de obrigações, enquanto na obra de seu antigo aluno o controle se dá pela violência e repressão, o Estado impõe sua vontade através do medo.

Aldous Huxley e George Orwell marcaram toda uma geração, bem como foram marcados por ela. Suas influências se fazem presente em diversas esferas até hoje e suas obras se tornaram um fenômeno cultural e popular gigantesco, ao ponto de várias espécies de adaptações ou referências terem sido lançadas, seja para o cinema (com adaptações de suas respectivas obras em 1998 e 1984), para o teatro, ou para qualquer outra espécie de mídia. Se o caos do século XX influenciou suas vidas e suas literaturas, é inegável que eles mesmos influenciaram o próprio século, principalmente a segunda metade dele.

REFERÊNCIAS

- ALDISS, B. W. *The detached retina*. Liverpool: Syracuse University Press, 1995.
- ATKINSON, P. *The visualisation of utopia in recent Science Fiction film*. Merlbourne: Monash University, 2007.
- BRADBURY, R. *Fahrenheit 451*. São Paulo: Editora Globo, 2003.
- CEIA, C. *E-Dicionário de termos literários*. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/ficcao-cientifica/>. Acesso em: 01 ago. 2021.
- COSTA, R. da. *Sociedade de controle*. São Pau-

lo em Perspectiva, v. 18, n. 01, 2004.

FEHR, M.; RIEGER, T. W., RÜSEN, J. Thinking utopia: steps into other worlds. Nova York: Berghahn Books, 2005.

HUXLEY, A. Admirável mundo novo. São Paulo: Editora Globo, 2012.

HUXLEY, A. Regresso ao admirável mundo novo. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2000.

KING, R. In the end, I'm right: letter from Aldous Huxley to George Orwell over 1984 novel sheds light on their different ideas. Daily Mail, 7 mar. 2012. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2111440/Aldous-Huxley-letter-George-Orwell-1984-sheds-light-different-ideas.html>. Acesso em: 01 ago. 2021.

ORWELL, G. 1984. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010.

POLANYI, K. A grande transformação: as origens de nossa época. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.

RODDEN, J. The Cambridge companion to George Orwell. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

VENTURA, Z. Atrás de um motivo: até que ponto somos nós responsáveis por essas condutas delituosas? Quem faz o criminoso, a sociedade ou o indivíduo? O Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/opiniao/atras-de-um-motivo-16336797>. Acesso em: 01 ago.

Submissão: fevereiro de 2022

Aceite: junho de 2022.